

**NA CUCA DE SEU QUELÊ: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-PSICANALÍTICA
DO CORONEL PETROLINENSE CLEMENTINO COELHO**

Thulio André Moura de Aquino

Mestrando – UFPE

thulioaquino@hotmail.com

A atual historiografia ainda carrega consigo contribuições da corrente historiográfica francesa e seus desdobramentos. Um destes desdobramentos, a História das Mentalidades, como passou a ser conhecida, ganhou força a partir da década de sessenta do século XX e cuja uma das características seria observar hábitos cotidianos de indivíduos, utilizando-se para isto a antropologia e a psicologia. Febvre escreveu um artigo intitulado “A Psicologia” no qual defende o uso da psicanálise como forma de buscar entender os costumes, as maneiras de ser e agir dos homens, atingindo assim a totalidade do indivíduo.¹

Esse sempre foi o objetivo dos Annales, ampliar e aprofundar o alcance do historiador, e para isto deveria aproximar-se de toda e qualquer ciência que lhe contribua em algo. Marc Bloch também a evocou, porém a psicanálise não ganhou muitos adeptos entre os historiadores.²

No livro de Peter Gay, Freud para Historiadores (1989). O autor trata justamente do fato da psicanálise ser pouco utilizada pelos historiadores, por preconceito ou mesmo ignorância. Contra-argumentando, Gay comprova que a história recorreu a outras ciências para enriquecimento da ciência histórica, no entanto resiste ao uso de uma psicanálise que ele já pratica, pois quanto procura em seu objeto fatores mentais está

¹ FEBVRE, Lucien – “A Psicologia”, in Combates pela História. 3 a. Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 212.

² GOFF, Jacques Le. Prefácio. In: BLOCH, Marc. **Apologia da história** ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 23.

exercendo uma psicanálise, ainda que amadora. No fim Gay propõe que, se a busca por razões mentais está inevitavelmente presente no estudo do historiador por que não fazê-lo de forma correta?

É claro que existem perigos nesta aproximação entre história e psicanálise, mas qual aproximação entre áreas científicas não requer o mínimo de cuidado? O historiador que deseja fazer uso da psicanálise não deve psicologizar os processos sociais, tentando explicar tudo por questões partidas do inconsciente. A maneira de como o indivíduo se expressa também estão associadas com a cultura e a sociedade em que vivem. Não resta dúvida que se bem trabalhada, a psicanálise pode ser mais uma ciência a enriquecer o estudo da história.

Partindo deste princípio, procuramos utilizar em nosso objeto de estudo a psicanálise, por acreditar em suas contribuições na tentativa de compreensão da narrativa do grupo político estudado. Acreditamos encontrar em nossa leitura traços que indicam uma associação forçada entre uma referência literária do patriarca da família e a narrativa de sua própria história, confundindo-as, devido ao desejo inconsciente do chefe família de se tornar o alterego de sua leitura em um outro momento histórico. Peter Gay cita Freud em seu livro *Freud para historiadores*: “Todo indivíduo é uma parte composta por muitas multidões, ligado de diversas maneiras através de identificações, e que construiu seu ego ideal a partir dos modelos mais variados.”³

Nosso objeto de estudo maior foi a formação da Família Coelho - importante grupo político da cidade de Petrolina durante o período que se inicia em 1930 – ano de um rearranjo da política nacional com a ascensão de Vargas, e se estende até 1947 – ano da primeira vitória política do grupo em questão. De forma específica se buscou compreender a rede de relações deste grupo no complexo quadro de reorganização que a

³ GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.p.127.

política brasileira se encontrava. Como, este grupo articulou-se durante o período, o que permitiu sua afirmação hegemônica na região do Vale do São Francisco.

O início da afirmação política do grupo estudado se dá com Clementino de Souza Coelho, ou “Seu Quelê”, patriarca da família responsável pela articulação do grupo justamente durante a era Vargas, que se caracterizou como um período de reacomodação política na qual Clementino pode afirma-se politicamente. Assim, o estudo biográfico da mais importante personagem política dos Coelho tornou-se necessário para a compreensão das idéias que cerceavam o grupo.

O primeiro ponto importante nesta busca foi a observação de que em quase todos os livros que tratam da família dos Coelho, encontramos inúmeros relatos orais de membros da família e amigos, que, não só contribuem como enriquecimento de fontes, como muitas vezes são as únicas em acontecimentos que envolvem a família. Observamos a disposição da família em prestar depoimentos, incluso em minha dissertação, sendo sempre solícitos quando requisitados para pesquisas sobre sua história. Observou-se uma preocupação em guardar suas memórias, mas com suas palavras, os livros e biografias sobre a família Coelho tratam de uma história oficial, autorizada. Normalmente uma abordagem superficial, sem um aprofundamento de determinados temas, como a constituição de forças políticas e seus interesses ou as redes de relações que foram sendo construídas. Trata-se de uma narrativa de seus personagens, sem, contudo, deter-se nos períodos em que ocorreram transformações significativas, ou mesmo estudá-los sem introduzi-los no contexto histórico em que se passaram, com isso, chegam, quando muito, a uma narrativa da história regional, ainda seguindo os vícios de uma história factual.

Na ocasião do centenário de nascimento de Clementino de Souza Coelho em 1985, uma biografia foi produzida, em sua apresentação constava:

Os filhos e netos do Coronel Clementino, **de quem partiu a idéia desta publicação** (grifo do autor), somente tomaram conhecimento do texto com o trabalho impresso, isso aumenta nossa responsabilidade... fazer **apologia gratuita de Quelê seria, no mínimo, diminuir sua obra** (grifo do autor), que está muito acima disto...⁴

Assim como a biografia do patriarca dos Coelho, os livros que dispomos sobre a família foram feitos ou com o consentimento e participação deles, ou mesmo promovido por eles.

Nota-se também a preocupação do autor em fugir de uma apologia do biografado, mas desde o título do livro – Quelê, o gigante do São Francisco – já percebemos de que Le Goff estava certo ao perceber que muitas biografias fazem jus às críticas que esta modalidade de história recebe.

A história dos Coelhos é uma história permitida, seletiva, que supervaloriza as qualidades, que mostra pequenos defeitos, para evitar críticas como estas, mas que no fundo apenas atenuam a apologia.

Isto nos leva a um questionamento: Sendo a história dos Coelho contada por eles mesmos, que história querem contar, que imagem querem transmitir sobre si mesmos e sobre seu pioneiro?

Carlo Ginzburg em seu livro *O queijo e os vermes* para conhecer melhor sua personagem - Menocchio – procurou identificar suas leituras e identificar nelas ações e pensamento do mesmo: “Por trás dos livros que Menocchio ruminava identificamos um código de leitura e por trás dele... foi lançada a suposição de que uma parte dos discursos de Menocchio era um longínquo reflexo de um texto de nível elevadíssimo...”⁵

⁴ BARBOSA JÚNIOR, José Nivaldo. **Quelê, o Gigante do São Francisco**. Recife: MMS Publicidade, 1985. p.7.

⁵ GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, ficcional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Trazendo o mesmo método em nossa pesquisa, quais teriam sido as leituras do menino sertanejo, em uma região em que o acesso a leitura era tão restrito, quanto ao privilégio de saber ler?

A cidade de Petrolina na época em que Clementino era apenas uma criança era de pouca expressão regional, o destaque era sua vizinha Juazeiro, a quem Petrolina desempenhava um papel de entreposto, tanto que durante muito tempo a cidade foi chamada de “passagem para Juazeiro”. A função da cidade foi abrigar viajantes idos para Juazeiro, para fazer negócio.

Diante deste quadro, Clementino passou a trabalhar ainda criança como ajudante de João Francisco de Souza Filho, o “João velho”, seu tio. Provavelmente o contato com o comércio ampliou seu horizontes. Ele passou a viajar e conhecer outros lugares, além de entrar em contato com um volume muito grande de pessoas de outras regiões do país, ou em seus lugares de nascimento ou de passagem para Juazeiro.⁶ Seu acesso a uma maior diversidade de livros foi algo natural, mas que livros ele teria se interessado?

Na única obra que exclusivamente sobre sua vida, encontramos o seguinte depoimento de José de Souza Coelho, seu filho: “Ele lia muito e tinha dois livros na vida que ele queria que os filhos todos lessem e acompanhassem: “A vida do Barão e Visconde de Mauá” e “São Paulo é isto”. Estes dois livros representavam praticamente a bíblia dele em casa...”⁷

Dos dois livros citados, no momento, só tivemos acesso ao primeiro. Nele procuramos encontrar características do conteúdo que o tornou “livro de cabeceira” do futuro Coronel Petrolinense, como ele influenciou sua vida ao ponto de fazê-lo insistir na leitura a seus descendentes.

⁶ INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DE PERNAMBUCO. **Petrolina**. 1. Ed. Recife: CONDEPE, 1988.p.22

⁷ BARBOSA JÚNIOR, José Nivaldo. **Quelê, o Gigante do São Francisco**. Recife: MMS Publicidade, 1985. p.20.

O livro *A vida do Barão e Visconde de Mauá* trata da biografia de Irineu Evangelista de Souza, gaúcho de nascimento e que desde criança foi morar no Rio de Janeiro. De empregado em um estabelecimento comercial, tornou-se o homem mais rico do país, investindo na industrialização do Brasil. O livro relata sua formação literária, moral, mental, aborda seus diversos momentos da indústria, suas teorias e atividades financeiras.

Mas por que o livro teria despertado tanto a atenção de seu leitor? Para chegarmos a uma conclusão é preciso conjecturar algumas coisas, mas esta conjectura não é feita no vazio, e isto é uma das coisas que diferencia o historiador de demais produções, partindo através de indícios podemos chegar a algumas possibilidades.⁸

Mauá em fins do século XIX foi alguém que acreditou no Brasil e em sua capacidade de desenvolvimento, julgando ser ele o grande impulsionador deste avanço. E acabou se tornando um exemplo e ideal de empreendedorismo para os que vieram para o século XX.

O início do Século XX também é marcado pela construção de uma identidade nacional, ou seja, definir o que era ser brasileiro e cidadão. Seu modelo era Europa, sinônimo de civilização. Assim construir uma civilização moderna e industrializada passou a ser a meta.⁹ Mauá foi o referencial que aglutinou a identidade de um país que queria tornar-se europeu através da prática de hábitos civilizados e de uma mudança de rumo da economia brasileira.

Percebemos em nossa pesquisa que a relação de Clementino Coelho com Mauá foi além de uma simples indicação de leitura. A citação encontrada em sua obra biográfica nos permitiu observar nos demais trabalhos produzidos sobre a família Coelho, a valorização de momentos de sua vida que se assemelhasse a de Mauá. Como a

⁸ GINZBURG, Carlo. Provas e possibilidades in: **O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, ficcional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 315.

⁹ DOLHNIKOFF, Mirian. **Os primeiros intérpretes da então jovem nação**. In: Revista Biblioteca entre livros. São Paulo, nº 8. p. 14.2008.

história dos Coelho é relatada apenas por seus próprios membros, seus momentos são descritos de forma apologética, na qual seu “Quelê” foi grande visionário.

No livro de Jorge Caldeira sobre a autobiografia de Mauá ele escreve:

Mauá **era essencialmente um lutador... Órfão** de pai aos cinco anos, aos nove fora mandado sozinho ao Rio de Janeiro ganhar a vida. **Começando como pequeno empregado do comércio, tornou-se gerente** da empresa comercial do escocês Richard Carruthers... Com 23 anos, ficou **sócio** do ex-patrão...¹⁰ (grifo nosso)

Em sua biografia, sua infância é assim descrita de forma muito semelhante a de Mauá:

Clementino **perdeu os pais muito cedo...** A inquietação, **a determinação em perseguir seus objetivos**, o espírito de liderança, a capacidade de enxergar além das curvas do rio da rigidez... Logo moço verificou que a pecuária tradicional não tinha futuro. E procurou outros caminhos. Petrolina é passagem, passagem é vocação **comercial**. E por aí ele foi. **Iniciou-se muito moço ainda**, trabalhando com João Francisco de Souza Filho (João Velho). De funcionário a **sócio**, de sócio a **dono do seu próprio negócio**.¹¹ (grifo nosso)

O objetivo em cada um dos textos é justamente apresentar um quadro adverso, para posteriormente desenvolver a narrativa do homem que superou as dificuldades, por ser diferente dos demais.

Ambos conviveriam com um patrão, que apenas lhes abriria as portas para a atividade comercial na qual demonstrariam serem diferentes dos demais garotos, ascendendo aos mais altos postos administrativos, passando em um terceiro momento a dono de seu próprio negócio.

Na verdade os garotos foram apadrinhados por Richard Carruthers e João Francisco de Souza, respectivamente. Não foi lhes concedido apenas um emprego, mas

¹⁰CALDEIRA, Jorge. **Visconde de Mauá – Autobiografia** in: MOTA, Lourenço Dantas (Org.) Introdução ao Brasil: um banquete no trópico. 2. ed. São Paulo: Senac-SP, 2002. p.100.

¹¹ BARBOSA JÚNIOR, José Nivaldo. **Quelê, o Gigante do São Francisco**. Recife: MMS Publicidade, 1985. p.10.

oportunidades nas quais puderam aprender a ler, estudar, e descobrir um mundo maior do que conheciam. Ambos os tutores fizeram questão de orientar os meninos, de prepará-los para o futuro, pois já trabalhavam em ramos que fugiam da realidade local, certamente transmitiram isto aos seus apadrinhados, o que nos revela não uma natural visão de futuro dos biografados, mas apenas uma preparação por parte de quem os educou.

Mauá enriqueceu impulsionado pela visão inglesa da qual sua formação bebera, o que em sua biografia é substituído pela construção do homem visionário.¹² Já o patriarca dos Coelho, apesar de ser comerciante, contou com a herança deixada pelo irmão falecido e com a mudança de seu primo Otacílio Nunes de Souza para a cidade de Salvador, que lhe deixou negócios prósperos em Petrolina, o que resultou em um salto aquisitivo muito grande.¹³ Sua riqueza porém é atribuída mais ao trabalho no comércio do que a estes fatores, o que não condiz com a realidade pois que o período de enriquecimento no qual ele se torna o mais rico da região – 1930-1940 – década em que ocorreram os fatos acima citados.

Na vida pessoal, O barão é apresentado como homem íntegro, com hábitos e costumes *avant guard* para época, seu proceder seria também uma ruptura para os moldes da época, foi também um civilizador ao praticar novas formas de comportamento, alinhado segundo padrões europeus:

Sua vida familiar... começava a se construir pautada nos moldes ingleses: um grande carinho pela mulher... e quanto as crianças, a filosofia também estava traçada, naquela casa não havia castigos corporais, mas sim muito apoio para o desenvolvimento das habilidades que cada um mostrasse... contrastava vivamente com as definições cruas impostas pela época.¹⁴

¹² CALDEIRA, Jorge. **Visconde de Mauá – Autobiografia** in: MOTA, Lourenço Dantas (Org.) Introdução ao Brasil: um banquete no trópico. 2. ed. São Paulo: Senac-SP, 2002. p.170.

¹³ SÁ, Maria Auxiliadora Ferraz de. **Dos velhos aos novos coronéis** – um estudo das redefinições do coronelismo. Recife: IMES (UFPE), 1974.p. 125.

¹⁴ CALDEIRA, Jorge. **Visconde de Mauá – Autobiografia** in: MOTA, Lourenço Dantas (Org.) Introdução ao Brasil: um banquete no trópico. 2. ed. São Paulo: Senac-SP, 2002. p.170.

O Coronel de Petrolina seguiu a risca o proceder, mantendo as características de sua vida parecidas com a de seu referencial no trato com os filhos: “Um episódio ilustra com clareza a contínua ocupação de Clementino em oferecer a esposa tudo o que não usufruía na infância e juventude, que parcas que tinha sido as condições financeiras”¹⁵ e a educação dos filhos é um traço decisivo na personalidade de Quelê... fazia questão absoluta questão que todos tivessem o melhor em matéria de ensino e não media esforços para isto.”¹⁶

Há a ainda os fatos que diferenciam Mauá e Clementino, mas que são evitados para manter uma construção biográfica semelhante. Se Irineu Evangelista de Souza foi um pioneiro no Brasil ao construir a primeira ferrovia do país no Rio de Janeiro, Clementino de Souza Coelho não foi pioneiro da industrialização da região. Já em 1920 a instalação de uma indústria de borracha marcou um salto para região do Vale do São Francisco.¹⁷ Seus investimentos na Indústria, como a fundação da C.S Coelho, apenas fizeram parte de outras iniciativas que tinham por objetivo o progresso da cidade.

Na biografia do futuro Barão de Mauá percebemos que ele é apresentado como excelente comerciante e de tino para os negócios, mas alguém que não tinha vocação para política, utilizando-se dela apenas para fins econômicos e como status social.¹⁸ “usou sua fortuna para eleger-se deputado pelo Rio Grande do Sul, sua província natal... não foi um político como outros do império”¹⁹

¹⁵ LUZ, Marta e PIRES, Idalina. **Josepha Coelho: 100 Anos de História**. Petrolina: - APAMI, 1999. p. 31.

¹⁶ BARBOSA JÚNIOR, José Nivaldo. **Quelê, o Gigante do São Francisco**. Recife: MMS Publicidade, 1985. p.15.

¹⁷ CHICOTE, Ronald H. **Transição Capitalista e a Classe Dominante no Nordeste**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. p.81.

¹⁸ FARIA, Alberto de. **Mauá, Irenéo Evangelista de souza, Barão e Visconde de Mauá 1813-1889**. Rio de Janeiro: Paulo pongetti, 1926. p. 74.

¹⁹ CALDEIRA, Jorge. **Visconde de Mauá – Autobiografia** in: MOTA, Lourenço Dantas (Org.) **Introdução ao Brasil: um banquete no trópico**. 2. ed. São Paulo: Senac-SP, 2002. p.101.

Na biografia de sua mulher Josepha, quando algumas páginas lhe são atribuídas, as mesmas características são atribuídas ao Coronel petrolinense: “Ele não era político de verdade, dizia que só queria ser político quando tivesse um filho que tomasse conta da política. Ele mesmo não queria não..., sem jogo de cintura necessário para fazer política de verdade.”²⁰

A biografia de Irineu Evangelista de Souza termina o enaltecendo como um nacionalista, alguém que acreditava no Brasil e sua prosperidade, alguém que lutou por seu desenvolvimento, e contra o atraso econômico e as práticas que o faziam permanecer estagnado no tempo.

A imagem que se procura transmitir acerca de Clementino de Souza Coelho, é bem similar. Ele nós é apresentado como alguém que acredita em um novo modelo de desenvolvimento para Petrolina. “um verdadeiro delírio. Na época falar em desenvolvimento para o nordeste era coisa de visionário... mas Quelê enxergava longe conhecia como poucos a potencialidade econômica da região”.²¹ Na verdade, “Quelê” pegou o bonde da história, e buscou uma identidade para si mesmo, através do referencial de uma biografia lida quando ainda era um jovem. Nela estavam contidos todos os referenciais de um Brasil que queríamos ser - trabalhador, civilizado e industrializado.

A verdadeira história da família Coelho e de seu patriarca ainda está para ser contada, uma história escrita por todos, que nos permita compreender o sujeito inserido em sua sociedade de forma profunda. Parte já começou a ser escrita através de outros trabalhos acadêmicos²², mas é preciso dar continuidade para que outros fatos sejam

²⁰ LUZ, Marta e PIRES, Idalina. **Josepha Coelho: 100 Anos de História**. Petrolina: - APAMI, 1999. p. 35.

²¹ BARBOSA JÚNIOR, José Nivaldo. **Quelê, o Gigante do São Francisco**. Recife: MMS Publicidade, 1985. p.13,14.

²² SOUSA, João Morais de. **As praticas do coronelismo estudo de caso sobre o domínio político dos Coelho em Petrolina-PE**. Recife: dissertação, UFPE: 2001, e SANTOS, Ruyter Antonio Bezerra dos. **Neocoronelismo, aspersor e voto: estudo de caso sobre a herança do coronelismo e o poder local da família Coelho em Petrolina**. Tese Recife: 2002.

descobertos. Parte deste trabalho começa com o uso da psicologia e sua capacidade de observar que determinados traços do sujeito, são na realidade práticas inconscientes de uma busca pela similaridade a alguém que ele estabeleceu como referencial. Não é uma tarefa fácil, mas é algo inevitável, cabe a nós historiadores estando sempre atendo para os vícios, fugirmos aos erros de uma psicologia tendenciosa. Sobre isto nos escreveu Gay, “a história e a psicanálise parecem, assim destinadas a colaborar em uma pesquisa fraternal pela verdade no passado”.

Bibliografia

BARBOSA JÚNIOR, José Nivaldo. **Quelê, o Gigante do São Francisco**. Recife: MMS Publicidade, 1985.

CALDEIRA, Jorge. **Visconde de Mauá – Autobiografia** in: MOTA, Lourenço Dantas (Org.) Introdução ao Brasil: um banquete no trópico. 2. ed. São Paulo: Senac-SP, 2002.

CHICOTE, Ronald H. **Transição Capitalista e a Classe Dominante no Nordeste**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

DOLHNIKOFF, Mirian. Os primeiros intérpretes da então jovem nação. In: Revista **Biblioteca entre livros**. São Paulo, nº 8. p. 14.2008.

FARIA, Alberto de. Mauá, **Irineu Evangelista de Souza, Barão e Visconde de Mauá 1813-1889**. Rio de Janeiro: Paulo pongetti, 1926.

FEBVRE, Lucien – “A Psicologia”, in **Combates pela História**. 3 a. Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LIMA, Henrique Espada. E.P. Thompson e a micro-história: trocas historiográficas na seara da história social. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**. Florianópolis: Gráfica Universitária, 2004. p. 19-20.

LUZ, Marta e PIRES, Idalina. **Josepha Coelho: 100 Anos de História**. Petrolina: - APAMI, 1999.

GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.

GOFF, Jacques Le. Prefácio. In: BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, ficcional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SÁ, Maria Auxiliadora Ferraz de. **Dos velhos aos novos coronéis** – um estudo das redefinições do coronelismo. Recife: IMES (UFPE), 1974.p. 125.

SOUSA, João Morais de. Universidade Federal de Pernambuco. **As práticas do coronelismo estudo de caso sobre o domínio político dos Coelho em Petrolina-PE**. Recife: dissertação, 2001.